

# A rabeça e seus sotaques regionais

*Pesquisa realizada por José Eduardo Gramani é editada por sua filha*

MAURO DIAS

Em 1995, o violinista transformado em rabequeiro José Eduardo Gramani deu início a uma pesquisa sobre a construção de rabeças em pontos diferentes do País. Escolheu quatro cidades onde o instrumento, um descendente do violino, de feição rústica e sonoridade própria, tinha tradição, distinção e era construído: Morretes e Paranaguá, no Paraná, Iguaçu, em São Paulo e Marechal Deodoro, em Alagoas.

Para cada cidade, um mestre construtor: Marinho dos Santos e Arão Barbosa, no Paraná, Arão Barbosa, em São Paulo e Nelson dos Santos, em Alagoas. Conseguiu financiamento parcial da Fapesp. Previa um livro e um CD. Viajou entre fevereiro de 1996 e julho do ano seguinte. Com ajuda preciosa de Ana Salvagni, fotografou, gravou som e imagem. Já estava combatido pelo câncer que o mataria em julho de 1998. Gramani não teve tempo de editar o resultado da pesquisa.

No ano passado, sua filha, Daniella Gramani, tomou a si a

tarefa de realizar o desejo do músico e pesquisador. Com incentivo da Fundação Cultural de Curitiba e patrocínio da Siemens, lançou o belo e importantíssimo *Rabeça, o Som Inesperado*. O livro não está à venda em livrarias. Informe-se sobre condições de envio pelo e-mail [daniella@gramani.com.br](mailto:daniella@gramani.com.br), ou pelo telefone (41) 9967-7484.

É um precioso volume de 120 páginas de texto, fotos e partituras. As fotos acompanham a construção das rabeças; o texto descreve os procedimentos e explica que importância têm eles na sonoridade final; tenta entender por

que em determinada região se faz de um jeito e noutra, de outro: que determinações culturais promoveram a diversidade. As partituras tornam sonora a diversidade.

Gramani, como Antônio Nóbrega, recusava-se a tratar a rabeça como simplificação do violino. Defendia, como Nóbrega, que a rabeça já era – é – um novo instrumento, com técnica e linguagem próprias, assim como o violão é parente do alaúde mas deixou de ser alaúde.

“A rabeça é um instrumento de cordas com arco, encontrado em muitas regiões do Brasil”, escreveu ele no texto introdutório do estudo. “É utilizado principalmente em acontecimentos religiosos e folclóricos, fazendo parte de agrupamentos musicais tradicionais dessas localidades. Ao contrário do que se observa com outros instrumentos ‘brasileiros’ que são utilizados na música folclórica, a rabeça quase não participa da chamada ‘música popular’, mantendo sua atuação restrita (com algumas exceções) às festas religiosas e folclóricas” – e por que será assim? José Eduardo Gramani entende que o número de rabequeiros é relativamente pequeno porque o instrumento é de difícil execução, já que no braço (sobre o qual ficam esticadas as cordas) não estão estipuladas as alturas corretas das notas,



O mestre construtor de rabeças Nelson Santos, de Marechal Deodoro, Alagoas, parte o trabalho do tronco do jacarandá

não há trastes; e também pela dificuldade do uso do arco.

Mais adiante: “É um instrumento que se diferencia da quase totalidade dos outros por uma característica fundamental: a ausência de padrões no seu processo de construção, no seu formato, tamanho, número de cordas, afinação e outros detalhes”. Não há fabricação em série de rabeças. A técnica de construção varia de mestre para mestre, de região para região.

Gramani foi criado em Itapira, cidadezinha próxima de Campinas, e começou a estudar violino aos sete anos. Veio para São Paulo. Foi violinista (às vezes spalla) em e regente de diversas sinfônicas, criou grupos de câmara, gravou Bach, interessou-se pela música medieval, criou o grupo Anima, pioneiro num modelo de armorialismo que tinha o Sul como foco. Teve outros grupos, o Parafonália, o Folifonia, o Trio Bem Temperado, eu aulas na Uni-

camp e descobriu a rabeça. José Eduardo Gramani, que não é verbete da *Enciclopédia da Música Brasileira*, é figura fundamental para o redescobrimto da música do Sul e do Sudeste. Se hoje há **Matutos Modernos** e **Fulanos de Tal**, se há grupos como A Barca e violeiros como Paulo Freire, todos eles, orgulhosos de seus sotaques, devem alguma coisa a Gramani, coisa que o livro só faz tornar mais claro.